

ARQUIVOS E INTERTEXTOS CULTURAIS

Carlos Magno Gomes¹

RESUMO: Este artigo traz uma proposta comparatista da exploração do conceito de intertexto cultural como uma ferramenta de ampliação da interpretação do texto literário a partir da herança teórica dos Estudos Culturais e Pós-coloniais. O intertexto cultural funciona como uma âncora dos processos ideológicos que o texto carrega. Para este trabalho, a intertextualidade pode ser vista como um diálogo ou como um conflito entre estruturas textuais e extratextuais e pode ser usada como uma ferramenta interpretativa. Nesse processo, o intertexto é portador de um trânsito de sentidos e interferências renováveis aos estudos literários, pois reforça a condição do texto como arquivo histórico e estético. Metodologicamente, desenvolve-se a construção do conceito de intertexto cultural por meio das categorias teóricas: intertextualidade, arquivo e hibridismo, respectivamente, propostos por T. Samoyault, J. Derrida e H. Bhabha.

Palavras-chave: Literatura comparada, intertextualidade, arquivo, hibridismo.

ABSTRACT: This paper provides a comparative proposal exploration of the concept of cultural intertext as an extension tool of interpretation of literary texts from the theoretical heritage of Cultural Studies and Postcolonial. The cultural intertext acts as an anchor of the ideological processes that text carries. For this work, intertextuality can be seen as a dialogue or as a conflict between textual and extratextual and can be used as an interpretive tool. In this process, the intertext brings traffic directions and renewable interference to literary studies as it strengthens the text's status as historical and aesthetic file. Methodologically, it develops the construction of the concept of cultural intertext from intertextuality concepts, archiving and hybrid proposed by T. Samoyault, J. Derrida and H. Bhabha.

Keywords: Comparative literature, intertextuality, file, hybridity.

Os estudos comparados têm apresentado, nas últimas décadas, um leque de opções para a renovação da leitura literária ao incluir em sua agenda questões identitárias e culturais próprias dos Estudos Culturais e dos Estudos Pós-coloniais. Esses estudos questionam as abordagens universalizantes ao explorar o não hegemônico e o não canônico como parte de sua metodologia de investigação. Partindo desses questionamentos, este artigo apresenta uma reflexão sobre a recepção crítica de textos literários, levando em conta o uso do intertexto cultural.

¹ Professor de Teoria Literária da UFS. Bolsista CNPq. Pesquisador colaborador do PPGAS/UnB.

Com tal objetivo, discutimos como a recepção de textos literários pode ser ampliada, quando valorizamos os aspectos ideológicos registrados no texto ficcional.

Nesse sentido, os movimentos interdisciplinares da Literatura Comparada nos ajudam a pensar a literatura como um gênero heterogêneo composto por uma variedade de textos atrelados a discursos distintos. Esta proposta faz parte da abertura dos estudos literários para outras disciplinas, possibilitando “uma avalanche de reflexões sobre o campo literário e seus contextos culturais e institucionais” e, de modo especial, a mudança dos modelos e paradigmas referentes à “tradição, texto, leitura, gosto e valor” (SCHMIDT, 2010, p. 175). Com esse novo paradigma, este artigo explora o conceito de intertexto com um fragmento da memória de um texto que tanto pode ser ligado à série estética, ou à histórica, visto que os textos possuem “procedimentos de retomadas, de lembranças e de reescrituras, cujo trabalho faz aparecer o intertexto” (SAMOYAULT, 2001, p. 47).

Seguindo esse movimento de renovação dos estudos comparados, Eduardo Coutinho destaca a importância de outras historiografias para a renovação dos estudos literários ao ressaltar o questionamento do “conceito hegemônico de nação” como uma forma de ampliação do conceito de literatura, que passou a ser vista “como uma entre as muitas expressões da afirmação política de cada grupo que compõe o mosaico étnico, cultural, social e linguístico do continente” (2013, p. 27-8). Nessa direção, os textos culturais, sociais e históricos devem fazer parte das interpretações literárias preocupadas com questões coloniais, étnico-raciais ou de gênero.

Tal perspectiva dos estudos comparados têm produzido importantes contribuições para a exploração do intertexto cultural como parte da análise literária. Em tal metodologia, o leitor analisa como os problemas sociais foram representados esteticamente no texto social. Dessa forma, para a exploração do intertexto cultural, o processo de leitura passa pela análise das questões de pertencimento identitário para identificar a camada ideológica do texto, visto que “‘o quê’ e o ‘como’ nas representações das ‘coisas’, mesmo admitindo uma considerável liberdade individual, são circunscritos e socialmente regulados” (SAID, 1995, p. 120).

Esse processo de leitura literária está preocupado em identificar o que foi excluído, abrindo “o campo de reflexão e crítica às formas de silenciamento e exploração do humano” (SCHMIDT, 2010, p. 184). Tal postura é própria dos estudos

que reconhecem o descentramento da literatura para a valorização do contexto histórico como “um dos sinais textuais” da intertextualidade que se volta para o extratextual (HUTCHEON, 1991, p.168). A preocupação com o extratexto é indispensável para ampliação do horizonte cultural do processo interpretativo.

Para esse tipo de leitura, que prioriza a questão de “como” os elementos culturais estão representados, a identificação do intertexto cultural torna-se fundamental, pois o texto necessita ser interpretado a partir de suas heranças culturais. Com esse propósito, exploramos o conceito de cultura proposto por Homi Bhabha que a reconhece como uma forma de representação, repleta de metáforas por meio das quais o homem negocia suas posições sociais. Nesse sentido, a exploração dos intertextos está respaldada pelo hibridismo, que abre a interpretação para um processo de negociação e reconhece que o poder é desigual, possibilitando “um agenciamento ‘intersticial’, que recusa a representação binária do antagonismo social” (BHABHA, 2011, p. 91).

Essa proposta do uso do intertexto cultural faz parte dos paradigmas teóricos que descentraram o conceito de literatura que deixou de ser exclusivamente “arte ou objeto estético” para ser explorada “como produção estético-cultural, matéria significante situada no domínio da cultura” (SCHMIDT, 2010, p. 174). Tal postura interpretativa é própria dos estudos culturais e pós-coloniais que propõem “o estudo das relações mútuas entre formas e produções literárias provenientes de fontes diversas e universos culturais distintos” (COUTINHO, 2013, p. 35).

Tais sentidos provenientes do campo cultural atualizam os sentidos estéticos de uma obra, quando lida por meio de um compromisso ético da crítica literária que deve ser respaldado pela “construção de uma consciência ética coletiva para a qual os saberes sobre as diferenças enquanto diferenças precisam convergir” (SCHMIDT, 2010, p. 184).

Esse processo de leitura faz uma análise das opções estéticas para identificar a camada ideológica explorada pelo autor. Com o descentramento da série estética, devemos identificar o intertexto cultural para ampliar os sentidos literários de uma obra, visto que nossas leituras devem evitar o apagamento “da identidade de um texto, um autor ou um movimento particular”, admitindo que “o que era, ou parecia ser, certo para uma determinada obra ou autor pode ter se

tornado discutível” (SAID, 1995, p. 105). A seguir, construímos um percurso teórico acerca do intertexto cultural como um método comparatista de interpretação do texto literário.

INTERTEXTUALIDADE: UM CONFLITO DE NARRATIVAS

Este tópico desenvolve algumas reflexões acerca de conceitos de intertextualidade e de arquivo conforme as perspectivas de Samoyault e Derrida. Com isso, pretendemos propor uma metodologia de leitura que valoriza a herança cultural como um intertexto interpretativo. Para os estudos comparados, a memória da literatura depende da memória do leitor e das práticas intertextuais, que religam a literatura ao mundo, conforme Samoyault (2008, p. 45). Entre os intertextos que sedimentam uma obra, os culturais não podem ser deixados de lado, quando identificado como parte dos arquivos que a compõem. Nesse caso, sugerimos que o intertexto cultural seja explorado como um dos arquivos da obra literária, e como tal é “ao mesmo tempo instituidor e conservador. Revolucionário e tradicional” (DERRIDA, 2001, p. 17).

Nessa direção, reconhecemos que o processo de interpretação de uma obra deve explorar o intertexto cultural como uma referência fundamental para novas releituras do texto literário. Para a execução dessa prática, precisamos sempre comparar o texto lido com outros conhecimentos que trazemos para o processo de interpretação. Portanto, o processo de leitura torna-se mais amplo quando exploramos o intertexto cultural, visto que “o ‘diálogo’ entre os textos não é um processo tranquilo nem pacífico, pois, sendo os textos um espaço onde se inserem dialeticamente estruturas textuais e extratextuais, eles são um local de conflito” (CARVALHAL, 2010, p. 53).

Dentro dos estudos sobre o hibridismo cultural, Bhabha tem destacado o quanto a relação metonímica dos signos e símbolos culturais não podem ficar de fora do processo interpretativo. O autor defende estudos sobre a especificidade do metonímico como reconhecimento do hibridismo cultural, que “está na articulação entre as divisões sociais e os desenvolvimentos desiguais, que perturbam o autorreconhecimento de uma cultura nacional, os seus horizontes em constante fricção entre territórios e tradições” (BHABHA, 2011, p. 83). Essa busca da identificação do intertexto como parte do processo metonímico faz parte de uma leitura comparatista.

Ao propor uma metodologia que explora o conceito de intertexto cultural, estamos rompendo com a noção de intertextualidade e suas relações com fontes e influências. Para tanto, propomos a substituição da série estética pela série cultural e suas concepções políticas, visto que a intertextualidade pode ser expandida para o estudo entre a relação entre texto e história, valorizando aspectos ideológicos que os arquivos literários registram. Esse tipo de abordagem reconhece que a retomada de um texto já existente pode ser “aleatória ou consentida, uma vaga lembrança, ou mesmo homenagem explícita, ou, ainda, submissão a um modelo, subversão do cânone ou inspiração voluntária.” (SAMOYAUULT, 2008, p. 10).

Assim, damos prioridade à renovação dos paradigmas referentes à intertextualidade por meio da inclusão do intertexto cultural como parte da partitura de uma obra. Para este método, o conceito de intertexto vai além das relações estéticas entre as séries literária e artística e passa a explorar o extratextual como um importante paradigma de interpretação literária, visto que o “intertexto leva em consideração a sociabilidade da escritura literária, cuja individualidade se realiza até certo ponto no cruzamento particular de escrituras prévias” (NITRINI, 2010, p. 165). Essa sociabilidade é fundamental para abriremos o texto para outras séries que compõem a obra.

Além disso, o processo comparatista proposto aqui vai além dos paralelismos estéticos presentes no texto para comparar e “interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas” (CARVALHAL, 2010, p. 86). Ao priorizarmos a questão do intertexto, estamos propondo a valorização de questões extraliterárias, que devem ser exploradas como recurso indispensável para a atualização dos sentidos de um texto. Atualizar os sentidos de uma obra é alargar seu potencial de recepção, propondo um novo caminho que avance em uma direção obscura ou pouco explorada para a história da recepção da obra em destaque.

Vale destacar que a literatura se escreve com as recordações daquilo que é e daquilo que foi, com seus procedimentos de retomada, de lembranças, de re-escrituras, que podem ser identificados como intertextos do texto principal. Nesse caso, o intertexto é parte da memória do texto, pois a intertextualidade, enquanto memória da literatura, pode ser vista como “uma poética inseparável de uma hermenêutica: trata-se de ver e de compreender do que ela procede, sem separar

esse aspecto das modalidades concretas de sua inscrição” (SAMOYVAULT, 2008, p. 47).

Portanto, no método de leitura do intertexto cultural, devemos levar em conta heranças e conflitos culturais que cada texto carrega para a renovação ou ampliação dos sentidos de uma obra. No processo de construção dos sentidos textuais, propomos a decodificação dos sentidos culturais que o texto carrega por meio da “atualização” e “movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte do leitor” (ECO, 2003, p. 36).

Como de trata de um método de recepção do texto, ressaltamos a particularidade que o uso dos intertextos culturais promove, pois o ato de comparar é também abrir o texto para outros sentidos. Nessa prática, precisamos trazer o repertório social para o espaço da interpretação, seguindo as pistas do texto para formular uma conjectura de sentidos (ECO, 2005, p. 75). Esse ato é fundamental para uma atualização dos significados ficcionais e culturais, posto que o texto não traz uma leitura imanente, mas um trânsito de sentidos e interferências renováveis no processo de leitura (CARVALHAL, 2010, p. 69).

Desse modo, valorizamos o uso da intertextualidade como parte deste método de leitura, pois a interpretação literária pode sofrer interferências da rede de conexões sociais e artísticas que cada texto carrega. Logo, o uso do intertexto cultural pede um processo de recepção ativa para além da série literária, pois o segredo do texto está em preencher seus “espaços vazios” (ECO, 2005, p. 46), nesse caso, a partir de suas conexões ideológicas e culturais.

Por esse princípio, a relação entre texto e cultura deve ser levada em conta como parte da recepção crítica que explora o fato de que todo texto literário traz, em seu roteiro de execução, a condição de uma arte dentro do arquivo, lido como um texto que tanto é histórico como literário (HUTCHEON, 1991, p. 165). Com tal perspectiva, interpretamos os sentidos dos textos por meio da leitura comparativa, uma vez que “a obra não pode mais ser vista como algo acabado a deslocar-se intocável no tempo e no espaço, mas como um objeto mutável por efeito das leituras que a transformam” (CARVALHAL, 2010, p. 70).

Tal transitoriedade dos sentidos pede uma investigação dedicada à exploração dos intertextos do mosaico textual. Ao buscarmos os sentidos das camadas textuais nos aproximamos de arquivos, que são pouco visíveis para as leituras estéticas. Isso acontece porque quando pensamos em um estudo

comparado, logo nos debruçamos sobre a relação entre os textos literários. Todavia, a relação entre texto e cultural pode ser mais esclarecedora do que texto e seus antecessores.

Por esse ângulo, um intertexto cultural é um arquivo social. Como tal, ele carrega outros sentidos do arquivo literário. Essa perspectiva é possível a partir do momento que reconhecemos que o texto é carregado de heranças históricas. Assim, o uso do intertexto cultural como um arquivo reforça a posição de herança que toda literatura carrega, pois ela esconde as perversidades do processo histórico do qual o texto é testemunho. Por ser literário, o texto é um testemunho de seu tempo, de seu momento de criação. Tal particularidade pode ser desvendada pela descoberta de novas conexões que revitalizam os sentidos de uma obra para a comunidade interpretativa do presente.

Dentro dessa dinâmica, em que o intertexto é lido como um arquivo, é relevante destacar a relação entre o dentro e o fora do texto, já que o arquivo “capitaliza tudo, incluindo aquilo que o arruína ou contesta radicalmente seu poder” (DERRIDA, 2001, p. 24). Na perspectiva pós-moderna, que faz parte das articulações pós-coloniais, feministas, e dos estudos culturais, o uso do intertexto cultural pode ser visto como uma das formas de renovação dos estudos sobre a intertextualidade, quando a exploramos como um movimento de abertura e do texto por meio da contestação de um ponto de vista, ou da reescrita da história por meio de um novo ângulo.

A seguir, estruturamos o conceito de intertexto cultural a partir das peculiaridades da categoria arquivo, postuladas por Derrida.

O INTERTEXTO CULTURAL COMO UMA HERANÇA

Passemos a comentar a importância do conceito de arquivo para a crítica literária que pretende usar o suplemento cultural como parte da partitura de interpretação de uma obra. Nesse processo, o arquivo é explorado como uma herança, implicando “uma filtragem, uma escolha, uma estratégia” (DERRIDA, 2004, p. 17). Lembramos que o arquivo é um espaço de enunciação ambíguo, e ao mesmo tempo em que tem uma concepção domiciliar, não consegue subtrair a violência que o produziu, posto que não esconde a opressão, nem o fato de nascer da “obtenção consensual de domicílio” (DERRIDA, 2001, p. 13). Nesse duplo movimento de

domicílio e de ruínas, o conceito de arquivo pode ser usado como uma interface do conceito de intertexto. Essa dinâmica garante a ambiguidade necessária para o processo interpretativo, que não deve se preocupar em gerar verdades absolutas.

Partimos da lição de Derrida, que, ao trabalhar com o mal de arquivo, retoma as ideias de herança e de luto que fazem parte dos arquivos históricos e dos quais não podemos nos livrar. Grosso modo, o luto é uma herança coletiva e o arquivo vai testemunhar esse luto “somos herdeiros, e herdeiros enlutados, como todos os herdeiros” (DERRIDA, 1994, p. 78). Isso porque o mal de arquivo está em sua constituição, sua relação com o dentro e o fora, posto que o princípio do arquivo inclui o que o arruína e o contesta (DERRIDA, 2001, p. 24). Tal concepção não pode ficar de fora do ato interpretativo, pois pode produzir novas interpretações do passado, visto que os arquivos são contaminados por suas ruínas.

Nesse duplo movimento, o arquivo carrega seus suplementos e não pode ser lido apenas como uma fonte histórica hegemônica. Por isso, o “mal de arquivo” coloca na mesma balança as ruínas do poder, contestando sua legitimidade (DERRIDA, 2001, p. 24). Por este prisma, o conceito de arquivo nos convida a pensar a narrativa histórica e seus movimentos de exaltação e silenciamento dos vencedores e vencidos, respectivamente. Esse processo põe em questão o ângulo que estamos vendo, pois o arquivo volta para nos inquirir sobre nossas atitudes. Esse movimento de leitura para além daquilo que estamos vendo é desafiador, pois nos tira da zona de conforto.

Fora do lugar tradicional, somos convidados a sair em busca de outros sentidos. Logo, o intertexto cultural, enquanto memória de uma obra, no convida a pensar em sua carga suplementar, em sua duplicidade, isto é, na adição de um significante para substituir ou suprir uma falta oferecendo novas possibilidades de interpretação. A categoria arquivo também pode ser explorada tanto para ícones, símbolos, metáforas que compõem a identidade cultural de um povo como palavras, resíduos de imagens e sons, entre outros elementos, que compõem uma narrativa coletiva. Por sua dinâmica, a exploração do arquivo deve levar em conta a ambiguidade que toda memória carrega por sua capacidade de instituir e conservar os sentidos já conhecidos, ou por poder romper de forma revolucionária com essa tradição (DERRIDA, 2001, p. 17).

Com tal peculiaridade, os arquivos culturais devem ser analisados a partir desse duplo movimento como revolucionário e como instituidor, visto que portam a

força coletiva. Ao explicitar o poder, seja do vencedor, seja do dominado, o arquivo esconde as ruínas do perdedor, ou do que ficou para trás. Esse duplo movimento deve ser priorizado no processo de enunciação para que a carga suplementar seja escavada. Com isso, o momento de produção de sentido é fundamental para que novos valores sejam agregados ao arquivo instituído, pois o ato interpretativo deve levar em conta o que circunda o texto, visto que nenhum “sistema de significados culturais” é autossuficiente, já que ele é um “ato da enunciação cultural” e, como tal, “é atravessado pela *différance*” (BHABHA, 1998, p. 65). Esse movimento de adiamento e espaçamento dos significantes faz parte de uma proposta revisora de interpretação textual.

Portanto, o texto literário, como um arquivo, deve ser tratado com todo seu poder e sua dissimulação. Nesse processo, as propriedades do arquivo não devem ser esquecidas, “no sentido físico, histórico ou ontológico; isto é, ao originário, ao primeiro, ao principal, ao primitivo, em suma, ao começo” (DERRIDA, 2001, p. 12). Todavia, nos rastros de sua primitividade, o arquivo nos remete ao seu exterior e nos convida a pensar no fora. Nesse caso, o arquivo traz de volta para a cena da enunciação as forças sociais que o produziram, pois ele é consignação, repetição e exterioridade, não havendo arquivo sem seu exterior (DERRIDA, 2001, p. 22). Tal concepção de arquivo é indispensável para a concepção do intertexto cultural, pois o texto literário não pode ser interpretado sem sua exterioridade.

Além disso, ao explorar o conceito de arquivo, o processo comparativo abre espaço para a politização da enunciação quando está voltada para enfrentar os fantasmas que rondam o texto literário. Mesmo sendo um processo que nos remete ao luto, não podemos abrir mão dessa herança que todo arquivo nos traz: “a herança não é jamais dada, é sempre uma tarefa. Permanece diante de nós, tão incontestavelmente que, antes mesmo de querê-la ou recusá-la, somos herdeiros” (DERRIDA, 1994, p. 78). Para uma prática interpretativa crítica, a consciência da herança faz parte do processo interpretativo, pois é parte do arquivo. Logo, parte do ato de enunciação. Nessa prática, sugerimos a ênfase no trabalho com o texto a partir de suas heranças históricas.

Metodologicamente, para uma proposta comparativa que reconhece, no arquivo, uma relação extratextual da obra, o processo investigativo deve buscar alargar os sentidos desse arquivo por meio das conexões históricas. Dentro dessa tradição, da escavação dos sentidos dos arquivos, destacamos o modelo de crítica

cultural desenvolvido por Bhabha, que coloca em tensão o conceito de identidade ao reconhecer sua exterioridade, isto é, a alteridade. A seguir, comentaremos como Bhabha explora o intertexto cultural em sua pesquisa.

O INTERTEXTO CULTURAL: UMA ABORDAGEM HÍBRIDA

Neste tópico, exploramos as particularidades do hibridismo teórico de Homi Bhabha como uma estratégia de releitura do passado. Nessa direção, vamos comentar como alguns conceitos propostos pelo pensamento pós-colonial fortalecem o conceito de intertexto cultural, pois seu método de interpretação está comprometido com a revisão do processo de colonização eurocêntrico. Bhabha defende que o processo de interpretação deve ir além das lacunas históricas, pois ele deve passar por uma “tradução social”, que não é apenas o corte ou lacuna do sujeito, mas também a interseção de lugares e disciplinas sociais (1998, p. 103).

Bhabha reconhece que não há uma cultura uniforme e sugere que o entre-lugar dessas culturas deve ser levado em conta no processo de leitura. Para isso, ele explora o conceito de metáfora para mergulhar no tecido cultural como uma textura híbrida e coletiva. Portanto, ao reconhecer que as metáforas culturais acumulam posições discursivas contraditórias, Bhabha amplia os sentidos do intertexto cultural, visto que “a metáfora produz realidades híbridas pela junção das tradições de pensamento totalmente distintas” (1996, p. 37). O uso da metáfora é indispensável para um trabalho comparativo de atualização dos sentidos de um texto.

Para isso, tomamos emprestado o conceito de metáfora de Bhabha para explorar o sentido de coletividade que um intertexto carrega. Com tal perspectiva, exploramos o intertexto como um arquivo coletivo. Esse sentido de coletividade nos remete ao conceito de herança de Derrida. Para esse teórico, o arquivo é uma herança, pois é portador de uma contradição formal e aparente, “entre a passividade da recepção e a decisão de dizer ‘sim’, depois solicitar, filtrar, interpretar” por meio de um processo que trabalha a herança de uma “dupla injunção contraditória e desconfortável” (DERRIDA, 2004, p. 13). Esse movimento de trabalho com o desconfortável deve fazer parte de uma agenda de ampliação dos estudos da interpretação da obra literária.

Ao priorizar a revisão dos sentidos de um texto literário por meio da inclusão da violência do processo histórico, temos a intenção de promover um

paradigma que questiona a forma como os signos foram representados. Esse processo de revisão é contínuo e faz parte das estratégias de ampliação da comunidade interpretativa de uma obra, já que no “processo contínuo de significação do mundo cultural e ideológico, que está sempre significando e ressignificando – esse processo é sem fim” (HALL, 2003, p. 362). Com essa perspectiva, reforçamos a importância do uso do intertexto cultural como uma metodologia de leitura que se posiciona contrária à “unilinearidade” dos modelos tradicionais e da noção transparente de comunicação, pois o “sentido sempre possui várias camadas, de que ele é sempre multirreferencial” (HALL, 2003, p. 354).

Por esse prisma, ao mesmo tempo em que reconhecemos a fronteira cultural como um território de troca de experiências entre texto e história, abrimos caminho para a inclusão da diferença e da alteridade como partes indissociáveis desse processo de interpretação. Nesse caso, o processo de identificação é perturbador, pois a relação com o outro deve ser levada em conta no processo de leitura. Entre o sujeito e a alteridade, há uma intersecção, que não é simples, nem fixa, pois gera novos sentidos para os textos, visto que se trata de “um processo de se identificar com e através de outro objeto, um objeto de alteridade, ponto no qual a ação de identificação – o sujeito – é ela mesma sempre ambivalente, por causa da intervenção dessa alteridade” (BHABHA, 1996, p. 37).

Portanto, ao exploramos o intertexto cultural, como um espaço da enunciação, torna-se um local de implosão da pacífica diversidade cultural para construir estratégia que reconhece a ambivalência da linguagem, visto que “o conhecimento cultural é em geral revelado como código integrado, aberto em expansão” (BHABHA, 1998, p. 67). Tal processo de ressignificação parte da abertura das narrativas para a identificação do “com” e do “através” do outro representado no texto.

Tal perspectiva, influenciada pelas teorias culturais, com suas dúvidas e questionamentos, colocou em pauta o hegemônico, valorizando a hibridização como uma estratégia ideológica. Tal abordagem é própria de uma prática de leitura que explora o extratextual como uma estratégia para desestabilização das construções sógnicas, trazendo para o “tempo das culturas” outras formas de representação, outras comunidades, numa conexão intercultural (BHABHA, 2011, p. 91).

Nesse processo, em que não há obrigatoriedade de se seguir uma origem, o processo comparativo que explora o intertexto cultural como uma metodologia de leitura pode ser guiado por questões políticas e ideológicas, pois estamos preocupados em “destotalizar” as interpretações historicamente impostas para retomá-las “dentro de um referencial alternativo” (HALL, 2003, p. 402).

Essa alternativa passa pelas fronteiras culturais que apresentam diversas identidades e significados com suas heranças, males e fantasmas. Com tais particularidades, o intertexto cultural pode ser considerado uma importante estratégia para analisarmos problemas das representações afro-brasileiras, de gênero, ou pós-coloniais, por exemplo, entre outras que se pauta pela releitura da voz do outro. Com o reconhecimento dessas identidades excluídas do processo histórico, poderemos explorar melhor os arquivos a partir do deslocamento dos seus sentidos instituidores e de suas heranças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a reflexão sobre a importância do intertexto cultural, constatamos que a proposta de analisar o arquivo como uma herança social passa pela exploração da exterioridade do significante. Essa postura contemporânea reforça o poder de revisão dos textos literários quando exploramos os intertextos culturais como parte do arquivo literário. Como parte dessa metodologia, o processo de recepção é também de descobertas de conexões culturais, respaldadas pela ambiguidade e pela hibridez que se opõem aos conceitos homogêneos. Por isso, sugerimos a prática de uma leitura ucrônica, aquela que privilegia a destemporalização dos textos nas operações de leitura (SAMOYULT, 2008, p. 95).

Tal postura do uso crítico do intertexto cultural se aproxima da concepção comparativa de que nada é original, pois a relação entre os textos históricos e estéticos faz parte do processo de interpretação construído por meio de um leitor ativo capaz de produzir uma imaginação criadora (NITRINI, 2010, p. 169). Esse leitor deve explorar um processo de leitura comparativa entre o texto lido e o passado cultural, já que “cada obra cultural é a visão de um momento, e devemos justapor essa visão às várias revisões que ela gerou” (SAID, 1995, p. 105).

Nesses processos comparativos, a identificação do intertexto é fundamental para a renovação dos sentidos de uma obra. Com isso, o uso da

intertextualidade fica mais dinâmico quando o intertexto cultural é explorado por meio de uma sátira do problema social, assumindo dimensões ideológicas que devem ser privilegiadas no processo de leitura. Portanto, o uso do intertexto cultural “remodela qualquer material (no caso, o passado) à luz de questões presentes” (HUTCHEON, 1991, p. 178). Tal perspectiva é fundamental para uma prática de atualização do texto literário.

Como uma herança que está sempre voltando, o intertexto cultural não pode ficar de lado de uma análise literária. O intertexto também nos ensina que os fantasmas do passado pulsam no processo de leitura. Dessa lição, fica a consciência de que traduzir esses intertextos é parte de um movimento interpretativo deslocante e traiçoeiro. Ao reconhecer essa especificidade, o crítico literário deve ser guiado pelo olhar que questiona a essência do original, pois reconhece o simulado que a obra carrega como parte de seu simulacro, visto que nunca o original se conclui ou se completa em si mesmo (BHABHA, 1996, p. 36). Seguindo esse modelo de crítica, o referencial alternativo deve ser construído no processo de análise dos dados e da interpretação dos fatos.

Retomar o passado, em busca de seus arquivos e fantasmas, a partir de um novo referencial teórico, amplia os métodos comparatistas que buscam enfrentar e desarmar o conservadorismo e a tradição das interpretações canônicas. Isso só é possível porque o lugar de enunciação está entrecortado por relações de poder, por representações identitárias marginalizadas e por histórias silenciadas, que, por meio de um movimento crítico, podem ser re-locadas e re-significadas (BHABHA, 2011, p. 82-3). Ao destacarmos o campo cultural e a provisoriidade de seus valores, reconhecemos que as dúvidas e os questionamentos são indispensáveis à ampliação dos estudos da intertextualidade.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**. Trad. por Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila *et alli*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BHABHA, Homi. O terceiro espaço. **Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24. Entrevista concedida a Jonathan Rutherford, 1996.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2010.

COUTINHO, Eduardo. O conceito de “Literatura Nacional” e a crise da identidade na América Latina. In: LÚCIO, Ana Cristina Martins; e MACIEL, Diógenes André Vieira (Orgs). **Memórias da borboleta**: reflexões em torno de regional. Campina Grande: ABRALIC, 2013, p. 27-41.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. por Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. Trad. por Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. Escolher sua herança. Entrevista dada a Elisabeth Roudinesco. In: DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã... diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004, p. 09-31.

ECO, Umberto. **Sobre a Literatura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. por Adelaine La Guardia Resende *et alli*. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da paródia**. Trad. de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. 3. ed. São Paulo: EdUSP, 2010.

SAMOYAU, Tiphaine. **A intertextualidade**: memória da literatura. Trad. por Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Trad. por Denise Bottam, São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e Margens: Notas sobre a historiografia literária. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia M. V.(orgs) **Deslocamentos de gênero na narrativa Brasileira contemporânea**. São Paulo: Horizonte, 2010, p. 174-187.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

GOMES, Carlos Magno. **Arquivos e intertextos culturais**. Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura. São Cristóvão: UFS, v. 25, mai./ago., p. 113-126, 2016.

Recebido: 20.06.2016

Aprovado : 25.07.2016